
IMPrensa EDUCACIONAL EM PORTUGAL NO INÍCIO DA REPÚBLICA: Educação libertária e pedagogia soviética

Luiz Carlos Barreira^()*

INTRODUÇÃO

Circulação de modelos sociopedagógicos que orientam práticas sociais concretas (ou que delas emanam) é o eixo temático em torno do qual se movem os estudos e investigações que vimos desenvolvendo nos últimos anos sobre a imprensa periódica especializada no Brasil e em Portugal, nas primeiras décadas do século XX. A imprensa de educação e ensino foi um importante veículo de divulgação, tanto no Brasil quanto em Portugal, de ideias e práticas educacionais dos mais diferentes matizes. Tornou-se, por essa razão, uma importante fonte de pesquisa histórica no campo da educação. Mas é no terreno da história social que estudamos a imprensa, ou seja, como prática social concreta e momento de constituição e instituição de diferentes modos de viver e pensar, e não apenas como um objeto ou fonte de pesquisa. De acordo com esse entendimento, a identificação dos projetos, das lutas e disputas dos sujeitos dessa prática é de fundamental importância para a apreensão dos sentidos que esses sujeitos atribuíam à própria experiência.

Nesse contexto de pesquisa, nossos principais objetivos têm sido: 1) investigar processos de formação de trabalhadores urbanos; 2) privilegiar, nessa investigação, projetos pedagógicos não institucionalizados, concebidos, desenvolvidos e implantados consoante os interesses das classes trabalhadoras, sem perder de vista, entretanto, as relações historicamente construídas entre tais projetos e outros tantos (institucionalizados ou não) voltados para a formação do trabalhador urbano. Vale lembrar que o termo “formação” é aqui tomado em seu sentido mais amplo, abarcando um vasto universo de práticas e saberes que vão desde os primeiros aprendizados informais, obtidos pelo sujeito por meio de sua experiência imediata, seja no convívio com a família, seja com os grupos sociais dos quais participa, até os mais formais, proporcionados pela educação escolar.

Neste trabalho, focalizaremos a revista *Educação Social* (1924-1927), dando assim continuidade aos estudos e investigações anteriormente referidos, destacadamente ao projeto de pesquisa intitulado *Imprensa Periódica e Circulação de Modelos Sociopedagógicos: Experiências*

^(*) Doutor em Educação (Filosofia e História da Educação) pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio pós-doutoral em História da Educação na Universidade de Lisboa. Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos (UniSantos).

de Educação Libertária em Portugal no Limiar do Regime Republicano (1911-1919), no qual foram analisados os seguintes periódicos portugueses: revista *Lúmen* (1911-1913), revista *Educação* (1913), boletim *Cultura Popular* (1919) e *Boletim da Escola Oficina* nº 1 de Lisboa (1918) (BARREIRA, 2008). Adolfo Lima¹, Emílio Costa² e César Porto³, entre outros, e suas ligações

¹ Conforme notas biográficas de António Candeias (2003), Adolfo Lima (Adolfo Ernesto Godfroy de Abreu e Lima) nasceu em Lisboa em 28 de maio de 1874 e faleceu, também em Lisboa, em 27 de novembro de 1943. Filho de pai português e de mãe brasileira, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Entre 1906/07 e 1914, foi professor de Sociologia e diretor pedagógico da Escola Oficina. Enquanto lá esteve, também dirigiu *Educação*, revista editada pela Sociedade Promotora de Escolas, também ela proprietária e fundadora da Escola Oficina. O primeiro número dessa revista foi publicado em 15 de janeiro de 1913 e, o último, em 31 de dezembro desse mesmo ano. Nesse seu curto ciclo de vida, a revista *Educação* teve 24 números publicados, cada qual com aproximadamente 12 páginas. Depois de ter passado pela Escola Oficina, Adolfo Lima começou a lecionar no Liceu Pedro Nunes. Em fevereiro de 1918, assumiu a direção da Escola Normal Primária de Lisboa, permanecendo nessa função até maio de 1921. Esteve vinculado à Escola Normal, como professor, até 1933. A partir de então, assumiu a direção da Biblioteca-Museu do Ensino Primário, que era anexa à Escola Normal de Lisboa. Foi no período em que esteve ligado à Escola Normal que dirigiu a revista *Educação Social*. Mesmo encontrando-se afastado da Escola Oficina, Adolfo Lima jamais a esqueceu. Ao contrário, não são poucas as referências que a ela faz nos vinte e tantos artigos que publicou na revista *Educação Social*

² Emílio Costa (Emílio Martins Costa) nasceu em 21 de fevereiro de 1877, na cidade de Portalegre, e faleceu em 17 de fevereiro de 1952, em Lisboa. Teve uma rápida passagem pela Escola Oficina Nº 1, de Lisboa, e publicou um único artigo na revista *Educação Social*, intitulado “Escola do Trabalho”. Entretanto, dada a sua trajetória política e profissional, é figura-chave para a compreensão das questões aqui apresentadas. De acordo com as notas biográficas de Filomena Bandeira (2003), Emílio Costa nasceu no seio de uma família burguesa liberal de Portalegre. Após sua formação inicial, entrou para o Liceu Mouzinho da Silveira em 1887, concluindo o ciclo secundário em 1894. Dois anos depois, instalou-se em Lisboa para frequentar o Instituto Industrial. Em 1899, também se matriculou no Curso Superior de Letras, mas não concluiu nenhum desses cursos. Em 1903, decidiu-se por um “período de divagação e estudo pela Europa”, percorrendo a França, a Bélgica e a Suíça. Assim que chegou a Lisboa, em 1896, envolveu-se na vida acadêmica, que era fortemente politizada e dominada pelo republicanismo. Em 1897, subscreveu o Manifesto Acadêmico Republicano, esteve na fundação do Centro Acadêmico Republicano, entrou para a Maçonaria Acadêmica e para a Carbonária Portuguesa. Suas ligações com a maçonaria se solidificaram, pois pertenceu à Loja Montanha, chegando ao grau de mestre. Entretanto, o mesmo não se pode afirmar no que diz respeito aos seus vínculos com o republicanismo que, com o tempo, desapareceram. Foi um dos principais doutrinadores e divulgadores das ideias libertárias. A sua estada no estrangeiro, entre 1903 e 1909, ora em França, ora na Bélgica, proporcionou-lhe um contato estreito com o movimento anarquista internacional. De sua aproximação ao meio acadêmico, destaca-se a passagem, ainda que fugaz, pela Universidade Nova de Bruxelas, em 1903, onde se inscreve na Faculdade de Ciências Sociais, no curso de Sociologia, onde e quando conheceu Faria de Vasconcelos, estudante como ele, e que na Bélgica, anos depois, fundaria uma Escola Nova. Nos anos vinte e trinta, reencontram-se em Portugal e participam em projetos educativos comuns. No último ano em que perambulou pela Europa, mais especificamente pela França (1908), aproximou-se de uma comunidade pedagógica de vanguarda. Nesse momento, atuou como secretário pessoal de Ferrer. Colaborou na fundação da Liga Internacional para a Educação Racional da Infância e tentou organizar uma seção em Portugal. A experiência alcançada durante esse período forneceu-lhe o conhecimento dos núcleos anarquistas mais importantes, do meio sindical internacional, assim como das suas estruturas organizativas e métodos de ação, além do estudo doutrinário.

³ Conforme notas biográficas de Cláudia Castelo (2003), César Porto foi um dos impulsionadores da Educação Nova em Portugal. Formou-se em Antropologia, em Paris, e exerceu o magistério primário em várias escolas portuguesas. Maçom e republicano, iniciou sua vida política nas “lides libertárias”, tendo sido um assíduo colaborador do jornal *A Batalha*. Nasceu em Lisboa em 30 de novembro de 1873 e faleceu, também em Lisboa, em 25 de dezembro de 1944. Na Escola Oficina, foi professor de Português e Sociologia. Tempos depois, assumiu a direção pedagógica dessa mesma escola. Dentre outras atividades, compôs a comissão promotora da Liga de Ação Educativa, fez parte do conselho

com as pedagogias modernas, particularmente com a pedagogia libertária, constituem o principal elo da revista *Educação Social* com esse conjunto de periódicos. O qualificativo “social” desse periódico expressa a compreensão que o seu idealizador, Adolfo Lima – bem como todos aqueles que integravam a mesma rede social, como César Porto e Emílio Costa, entre inúmeros outros –, tinha do alcance da educação. Esses intelectuais propugnavam não apenas e tão somente por uma educação do intelecto (a dita educação intelectual), mas por uma educação ou formação integral do ser social. Esse era o projeto político dos editores e diretores da revista *Educação Social*, cujo público-alvo era o professor, especialmente aquele que atuava ou atuaria no ensino primário. *Educação Social* começou a ser editada em 10 de janeiro de 1924 e circulou ininterruptamente até 5 de outubro de 1927, quando Adolfo Lima foi encarcerado pelas forças políticas que defendiam, naquele momento, interesses contrários à democracia política e social em Portugal. Eram os primeiros anos da ditadura militar, que se estendeu de 1926 a 1933, quando teve início o longo período do Estado Novo português, eclipsado pela Revolução dos Cravos, iniciada em 25 de abril de 1974.

Apresentar os principais traços dos modelos sociopedagógicos que *Educação Social* fez circular é um dos intentos deste trabalho. Para tanto, selecionamos um longo escrito da lavra de César Porto sobre a pedagogia soviética, publicado em seis partes na revista *Educação Social*, em 1927, como especificado nas referências bibliográficas.

Em 1919, César Porto integrou uma equipe de professores estrangeiros que visitou a Rússia a convite da Federação Pan-Russa dos Trabalhadores de Ensino, para conhecer as recentes experiências daquele país no campo da educação escolar. Nessa visita, ele recebeu de Lunatcharsky, que era então Comissário da Instrução da cidade de Moscou, vários documentos oficiais sobre a nova pedagogia russa, a pedagogia soviética. Oito anos depois redigiu um balanço crítico dessa visita e o publicou na revista *Educação Social*. Quando da publicação desse balanço, César Porto respondia pela direção da Escola Oficina nº1 de Lisboa, lecionava Sociologia nessa mesma escola e ocupava o cargo de Secretário-Geral da Associação de Professores de Portugal. Na Escola Oficina, estava desde a sua fundação, nos idos de 1906, quando e onde conheceu Adolfo Lima, que fora admitido naquela instituição como professor de Sociologia. Para a redação do seu balanço crítico da pedagogia soviética, não se apoiou apenas nos documentos oficiais a que teve acesso e que trouxe consigo da União Soviética; valeu-se, principalmente, do que pôde observar nas práticas escolares das escolas que visitou; procurou contextualizar a então recente experiência soviética no campo da

pedagógico da Universidade Popular Portuguesa e visitou a Rússia a convite da Federação Pan-Russa dos Trabalhadores de Ensino.

educação escolar, por entender que só assim procedendo poderia compreender os nexos daquela experiência.

Estratégia editorial bastante recorrente naquela época, sobretudo no que diz respeito à imprensa periódica em Educação, o texto de César Porto sobre a pedagogia soviética foi publicado, como dito anteriormente, em seis partes, em intervalos de tempo que variaram de um a dois meses, com exceção das duas últimas, que vieram a público em um mesmo número. Todas elas foram publicadas com o mesmo título, “A Pedagogia Soviética”, mas foram discriminadas por algarismos romanos. Entre o título e a identificação da parte publicada, algumas informações sobre o autor do texto, César Porto, são fornecidas: “director e prof. da Escola-Oficina N.º 1, Secretário geral da Associação de Professores de Portugal e publicista”. Logo após a identificação da parte que então se publicava, segue um sumário dos temas nela contemplados. Para que se tenha uma ideia, ainda que aproximada, do texto em tela, na sua íntegra, os sumários de cada uma das partes em que foi dividido são apresentados a seguir:

– Fitos da pedagogia soviética; sua relação com a Rússia atual. – Os meios que preconiza para a cultura o Comissário da Instrução, Lunatcharsky. – O decreto de Dezembro de 1919 para extermínio do analfabetismo. – A situação anterior e os resultados do decreto. – As nacionalidades e o problema do ensino. – O desenvolvimento da instrução e a espantosa criação de instituições educativas, depois da revolução de Outubro. – A relação entre os diferentes graus e diversos tipos de escolas. – Algumas particularidades da moderna pedagogia russa (PORTO, 1927a, p. 10).

II

– O método dos complexos ou sintético, seus princípios e suas práticas. – A dialéctica de Engels e a pedagogia. – Análise russa dos programas da instrução nas escolas primária e secundária. – O ensino da sociologia e do marxismo. – A autonomia dos alunos e a educação social (PORTO, 1927b, p. 68).

III

– A política e a escola: Juventude Comunista, Outubristas, Pioneiros. – A escola activa da Rússia, e a educação das faculdades para o desenvolvimento integral do ser humano. – As escolas primárias por dentro. – A educação infantil: sanatórios e jardins da infância. – As universidades tradicionais – velhas e novas (PORTO, 1927c, p. 103).

IV

– Os cursos de 2.º grau. A escola agrícola e a escola de aprendizes. – As faculdades operárias e suas particulares condições. – Duas instituições experimentais (PORTO, 1927d, p. 137).

V

– O Instituto Biológico, criador de espírito científico. – A educação dos anormais. – A situação econômica do professorado russo. História do seu sindicato, e a expansão que adquiriu. – A estrutura soviética e a organização sindical. – Vencimentos e actividades dos professores de Leninegrado (PORTO, 1927e, p. 165).

VI

– Algumas considerações sobre a preparação do operariado e as faculdades operárias. – Comentários acerca dos métodos de instrução e educação gerais. – Crítica à autonomia dos alunos. – A educação de classe. – As conclusões da missão de pedagogos estrangeiros (PORTO, 1927e, p. 174).

Exporemos, a seguir, não só uma síntese do estudo de César Porto sobre a “pedagogia soviética”, mas também aspectos desse estudo que chamaram a nossa atenção, sobretudo aqueles que remetem a questões relativas à formação do trabalhador urbano, destacadamente aqueles que evidenciam particularidades da educação formal pensada e posta em prática para esse segmento da sociedade russa de então, em um contexto histórico no qual se negou (ou se pretendeu negar) a exploração do trabalho pelo capital. O que os olhos de César Porto puderam ver sobre essas questões? Como essas questões foram tratadas por ele? Temos interesse, particularmente, na produção de sentidos: os sentidos que os atores sociais atribuem às suas próprias práticas. Quais foram os sentidos que César Porto pôde apreender das práticas sociais que perscrutou? Que sentidos ele próprio atribuiu à experiência soviética no campo da educação escolar, especialmente no que diz respeito à formação de um trabalhador urbano que, em tese, não mais seria (ou deveria ser) explorado pelo capital? Quais são as peculiaridades dessa formação aos olhos de quem as observou *in loco* e a partir de um lugar social que não se assemelhava à realidade histórica observada? Que papéis os atores sociais em questão – libertários e soviéticos – atribuíam à educação escolar? Ao perquirir a experiência soviética no campo da educação escolar, César Porto conhece e se faz conhecer. A interação entre tais conhecimento, também nos interessa, pois possibilita a compreensão de algumas das apostas dos libertários portugueses no campo da educação escolar, em um espaço de tempo que vai da proclamação da República portuguesa, em 5 de outubro de 1910, ao início do regime ditatorial, em 1927. Entendemos, com Alessandro Portelli (1996), que narração e interpretação são faces de uma mesma moeda. Não há narração sem interpretação e vice-versa.

Portanto, não tomamos os escritos de César Porto sobre a experiência soviética no campo da educação escolar como descrição de fatos inertes, despojados de sentidos. Não. Exporemos, interpretando, a compreensão que dele tivemos à luz das questões anteriormente apresentadas. Nossa exposição evidencia o diálogo que mantivemos com César Porto e, por intermédio dele, com as fontes documentais soviéticas às quais nosso interlocutor teve acesso.

PRESSUPOSTOS QUE ORIENTARAM A ANÁLISE DE CÉSAR PORTO

Uma das primeiras advertências feitas por César Porto sobre pedagogias refere-se à indispensabilidade de se conhecer os fins por elas almejados e integrá-las às sociedades a que pertencem. Para ele, a educação deve ser sempre considerada na sua estreita relação com o modo de ser social (1927a, p. 10).

Lunatcharsky considerava necessária a elevação da cultura de toda a população da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e distinguia, para o efeito de cultura, três tipos de instrução: a geral, “que permite aos homens orientarem-se no mundo, inerte, vivo ou social”; a política, “que deve dar-lhes a consciência de classe (princípio marxista), indicando a direção em que lhes cumpre atuar sobre a sociedade onde vivem”; e a técnica, “que há de habilitar profissionais competentes” (PORTO, 1927a, p. 10). Os meios pelos quais esse objetivo poderia ser atingido seriam: criação de bibliotecas nas cidades e nos campos; propaganda oral e escrita de conhecimentos científicos e de noções tecnológicas; e escolas, “que deveriam ser abertas por toda a parte, criadoras de trabalho útil, fiéis ao ideal comunitário e interessadas em satisfazer as necessidades econômicas da Rússia” (PORTO, 1927a, p. 10).

Nas condições momentâneas da Rússia de fins dos anos de 1910 e do futuro por ela pretendido, os fins almejados pela pedagogia soviética era a construção de uma sociedade comunista. Portanto, uma das principais políticas do governo soviético no campo da educação escolar foi subordinar o ensino às aspirações comunistas, alfabetizando jovens e adultos, universalizando o ensino de primeiro grau e facilitando o ingresso de camponeses e operários no ensino superior.

De acordo com as considerações de César Porto, a pedagogia soviética visava a formar cidadãos soviéticos capazes de compreender, dirigir e fazer desenvolver a sociedade em que viviam e, além disso, formar profissionais úteis e conscientes; ou, de acordo com suas palavras, “formar entes humanos, completos, adequados ao seu momento e preparando o porvir” (1927a, p. 11).

À luz de fatos abundantes e de informes que lhe foram facultados, César Porto examinará o sistema escolar soviético, por meio do qual as lideranças da União Soviética pretendiam forjar cidadãos para viverem de forma consoante aos momentos iniciais da revolução socialista naquele país e em condições de construir uma sociedade comunista.

UM SISTEMA DE ENSINO INOVADOR: breve relato das escolas visitadas por César Porto

Ao analisar o sistema de ensino soviético, a partir do que pode observar nas práticas pedagógicas de algumas das escolas que visitou, e não recorrendo a formulações teóricas forjadas *a priori*, César Porto destaca o que, nelas, mais lhe chamou a atenção. As escolas que visitou foram as seguintes:

Escola-colônia de Crasnaia-Slavianca

Situada nos arredores de Leningrado, essa escola educava cerca de duzentos e cinquenta internos, cuja faixa etária variava entre os doze e dezesseis anos. Ocupava um vasto terreno que era cultivado pelos alunos, com estábulos, currais e diversas oficinas. Nas salas de aula, as carteiras eram vulgares. Contava, ainda, com um gabinete de física e ciências naturais, que se destacava por sua coleção de ninhos e pelos artefatos de mineralogia que possuía. Trabalhos de alunos estavam em exposição: desenhos, cadernos sobre assuntos de ciência, mapas geográficos, gráficos, diários murais e móveis fabricados nas oficinas da escola, entre outros. Em outro espaço, onde fora anteriormente uma capela, um pequeno palco era usado para exercícios de ginástica, cujos movimentos eram realizados com o acompanhamento de um piano. O tempo escolar era igualmente repartido entre educação ordinária e ensino profissional (PORTO, 1927d, p. 138).

Um internato localizado em Saratova

Esse internato albergava cerca de seiscentos órfãos. Entre outras instalações, contava com duas aulas de preparação geral, aulas de serralheria, carpintaria, modista, alfaiataria, oficinas de encadernação, de sapataria e fabricação mecânica de malhas (meias, bonés, camisetas). Era uma autêntica escola de aprendizes, porque articulada ao trabalho dos adultos, mas não em fábricas (PORTO, 1927d, p. 138-139).

Uma escola que funcionava em uma fábrica, localizada na capital da Geórgia

As escolas que funcionavam em fábricas recebiam do Estado trinta e três rublos mensais por educando, a quem forneciam o necessário para o começo dos estudos. A escola visitada por César Porto, na capital da Geórgia, atendia duzentos e sessenta alunos, entre eles algumas meninas, todos

com mais de quatorze anos de idade. Cerca da metade desse total de alunos era composta por internos. Todos eles foram admitidos na escola a pedido dos pais, por intermédio dos sindicatos. Nessa escola, todos – internos e externos – recebiam alimentação. Oito horas escolares eram divididas entre as aulas ordinárias e as oficinas: forja e fundição, marcenaria, trabalho de torneiro, além de outras ocupações. Terminado o curso, cuja duração era de quatro anos, os alunos permaneciam na fábrica, a partir de então como operários. Além de cultura geral, os alunos de escolas de fábricas também recebiam teoria da respectiva profissão. A escola de fábrica visitada por César Porto, apesar de instalada em uma fábrica dos tempos do czarismo, apresentava instalações (salas de aula, refeitório e dormitórios), segundo ele, bastante adequadas (PORTO, 1927d, p. 139).

Uma faculdade operária situada na cidade de Tífilis

A contrastar o ensino fabril ministrado nas escolas de fábricas estavam as faculdades operárias. A cidade de Tífilis contava com quatro faculdades operárias. A faculdade visitada por César Porto estava alojada em um “magnífico edifício” e era frequentada por duzentos e cinquenta alunos, cuja faixa etária variava entre dezenove e trinta anos de idade. Desse total, 60% eram pertencentes à classe operária e o restante à classe camponesa. Ao ingressante era exigido apenas que soubesse ler e escrever e que tivesse algumas noções de aritmética e alguns rudimentos de história, os quais deveriam ser demonstrados em provas. A duração do curso era de quatro anos, ao longo dos quais os ingressantes aprenderiam, ainda que de forma bastante abreviada, as matérias do ensino médio. Os egressos poderiam concorrer a uma vaga nas universidades – Agronomia e Engenharia eram os cursos superiores mais desejados por eles. Metade dos alunos nada pagava e os restantes recebiam, inclusive, uma bolsa de vinte e cinco rublos mensais para o seu sustento. Como não havia dormitórios no edifício onde funcionava a faculdade, o governo arranjava instalações na cidade, cujo custo era proporcional às posses dos alunos. A faculdade oferecia cursos no período da manhã e no período noturno, este último para aqueles alunos que continuavam a exercer sua profissão.

Ao que parece, essa experiência soviética, no campo da educação escolar, objetivava, segundo César Porto, formar engenheiros e agrônomos, recrutando candidatos ao exercício dessas profissões no seio das classes trabalhadoras (camponeses e operários, principalmente), ao invés de recrutá-los em uma classe social contrária ao regime. Nem todos os egressos das faculdades operárias tinham acesso, entretanto, ao ensino superior. Os que conseguiam ter acesso eram escolhidos pelos sindicatos entre os mais inteligentes e que tivessem condições de triunfar. Porém eles, os alunos egressos das faculdades operárias escolhidos pelos sindicatos, eram os que tinham primazia sobre todos os demais para o preenchimento das limitadas vagas nas universidades. Uma

escolha, portanto, não determinada por motivos pedagógicos, mas de origem de classe. Apesar dos desdobramentos produzidos por tais práticas de escolha (prejuízos à instrução teórica e até mesmo à própria prática), César Porto parece compreender e concordar com tais escolhas (PORTO, 1927d, p. 140-141).

O sistema de ensino na Rússia soviética possuía, ainda, outro tipo de instituição: as experimentais. Essas instituições investiam em inovações pedagógicas. Na época, havia na Rússia cerca de vinte escolas experimentais, com plena liberdade para organizar o seu ensino. César Porto visitou algumas delas, tais como a “Cidade Infantil da 3ª Internacional”, a “Comunidade Escolar do Comissariado da Instrução” e o “Instituto Biológico Sapoenicof”.

Cidade Infantil da 3ª Internacional

Essa instituição experimental propunha-se a encontrar os melhores meios para uma “educação social típica” (PORTO, 1927d, p. 141). Admitiam alunos externos e internos. Os internos eram alojados em grupos de vinte e cinco a quarenta, agrupados por idade, que ocupavam diversas casas e visavam a fins diferentes – quando César Porto visitou essa instituição, nela havia trezentos educandos matriculados, entre meninos e meninas, cujas idades variavam entre três e dezoito anos. Um ensino bastante extenso era nela ministrado, correspondente à educação oferecida no jardim da infância, no primeiro e no segundo grau. As normas que regiam o comportamento dos seus cento e cinquenta alunos internos – grupo constituído basicamente por órfãos (a grande maioria) e filhos de comunistas estrangeiros – foi o que mais chamou a atenção de César Porto. De acordo com essas normas, a liberdade da criança era considerada indispensável, para que nela se pudesse gerar profundamente o espírito do “verdadeiro comunismo” (PORTO, 1927d, p. 142). A criança assim formada seria, pelo ativo exemplo, um centro de propaganda do regime.

Comunidade Escolar do Comissariado da Instrução

Segunda instituição experimental visitada por César Porto. O representante português em visita à Rússia Soviética encontrou, em uma das falas do diretor dessa escola, a chave da pedagogia russa: “a educação corresponde aos sistemas de governo” (PORTO, 1927d, p. 143). De acordo com as observações de César Porto, “tudo estava organizado, com efeito, na vida ordinária da escola, em obediência ao comunismo” (PORTO, 1927d, p. 143). A autonomia dos educandos era, indiscutivelmente, a pedra de toque dessa escola. “Não havia horários rígidos nem aulas obrigatórias; os alunos trabalhavam à vontade, segundo o seu próprio programa, nos gabinetes e nos laboratórios, sendo-lhes dado, quando pediam, o auxílio do professor” (PORTO, 1927d, p. 143-

144). Até os doze anos de idade, essa escola seguia o método de Dalton⁴. Dos doze aos quinze, os alunos reuniam-se em grupos relativamente homogêneos para realizar os seus estudos, tanto quanto possível, práticos. Depois disso, especializavam-se, escolhendo uma profissão. Os alunos dessa escola trabalhavam nas fábricas e no campo, mas por tempo determinado (alguns meses). O objetivo dessa experiência era fazer com que todos eles conhecessem o meio operário e camponês. Segundo César Porto, a base dos programas que a instituição elaborava era: “mesmo no estudo das ciências [...], evidenciar os fundamentos do marxismo e criar uma psique socialista – quanto à história, fazendo do passado, tão só uma explicação do presente” (PORTO, 1927d, p. 144).

Diferentemente das duas instituições experimentais acima apresentadas, cujo caráter soviético estaria muito bem definido (a “chave da pedagogia russa”), César Porto visitou outra, igualmente original, “mas de processos mais adaptáveis ao mundo do ocidente” (PORTO, 1927e, p. 165): o Instituto Biológico Sapoienicof.

Instituto Biológico Sapoienicof

Situado nos arredores de Moscou, o objetivo dessa instituição experimental era “estudar a história natural em presença da realidade, espalhando, entre as populações, o hábito da observação científica e a metodologia das ciências” (PORTO, 1927e, p. 165). A essa instituição acorriam crianças de dez a doze anos de idade. Com o concurso delas, realizavam trabalhos de agronomia e horticultura; estudava-se um pouco de microbiologia sobre o já conhecido, evidentemente – por exemplo, origem e propagação de doenças infecto-contagiosas; domesticavam-se raposas para aumentar o fornecimento de matéria-prima à indústria de pelaria; inquiria-se sobre o voo das aves; plantavam-se árvores em solenidades como no “Dia da Floresta” (PORTO, 1927e, p. 166). Embora

⁴ Não havia consenso, entre os pedagogos soviéticos, sobre a adequação do plano (método ou sistema) de Dalton aos fins da educação soviética. Pistrak, por exemplo, identificava aspectos positivos e negativos nesse plano. Um dos aspectos positivos estava no fato de ele destruir a organização do tempo escolar, que, segundo as pedagogias modernas de então, representava uma verdadeira maldição para a criança. Outro, que ele eliminava o sistema dos deveres escolares. Outro, ainda, que ele abolia o uso de manuais, máxima de um ensino livresco que se queria superar. Em substituição a essas práticas, propunha um sistema de classes (grupos) e de trabalho coletivo, a ser desenvolvido em laboratórios. Mas é justamente sobre essa noção de trabalho coletivo que recaem as principais críticas à adoção do plano Dalton na Rússia Soviética. Dentre os aspectos negativos que os pedagogos soviéticos identificavam no plano Dalton, Pistrak (1981, p. 125-126) destaca o seguinte: “[...] a noção de trabalho coletivo deveria ser ampliada; o trabalho de classe, em si mesmo, está longe de ser o ideal de trabalho coletivo, não passa de um elemento desse trabalho. Mas o plano Dalton destrói o trabalho de classe, destrói a classe como fenômeno de trabalho coletivo, e esta destruição é feita não com o objetivo de criar um tipo mais elevado de trabalho coletivo, mas com o objetivo de libertar o aluno de sua relação com a classe, ou porque esta exige muito dele ou porque está bastante atrasada em relação a ele. Cada aluno responde apenas por si e pelo seu trabalho”. Pistrak defendia um plano Dalton “sovietizado”, ou seja, adequado à realidade russa de então.

ancorado na educação naturalista, desenvolvia-se um estudo geral no Instituto Sapoienicof. Nas palavras de César Porto (1927e, p. 167),

A estudar zoologia ou botânica, pelo exame da natureza, aprendia-se o desenho para notar as observações, a gramática para as redigir, a química, a aritmética e a física, quando isto se conhecia necessário, para melhor as precisar. Livros de estudo não havia; de algumas obras de ciência aproveitavam os alunos várias páginas. Eram-lhes dadas lições de história, porém não por uma forma sistemática: a propósito de alguns fatos de hoje e para compreender o presente. Da explicação do atual nasceria o interesse pelo passado.

César Porto também visitou instituições destinadas à educação de crianças tidas como “anormais”, denominadas de institutos psico-neuro-pedológicos. O instituo visitado por César Porto localizava-se em Moscou e atendia oitenta crianças com idade de oito a quinze anos. A quarta parte desse contingente era composta de meninas. As crianças ficavam sob os cuidados de cinco médicos, 21 professores e quatorze funcionários e estavam divididas em duas seções: a psiconeurológica (com trinta crianças) e a pedagogo-pedológica (com cinquenta crianças). Médicos e professores seguiam os programas de ensino gerais, além das duchas, banhos e ginásticas que visavam melhorar a qualidade de vidas dos educandos e, se possível, curá-los (PORTO, 1927e, p. 168).

PARTICULARIDADES DA PEDAGOGIA SOVIÉTICA

Algumas das principais particularidades da moderna pedagogia soviética, identificadas por César Porto, podem ser assim sumarizadas:

- ✓ A criança era o centro das preocupações públicas e era vista como portadora do futuro. O interesse que os russos soviéticos demonstravam para com a criança revelava-se de um modo impressionante, segundo César Porto. Para ele, esse interesse evidenciava-se, entre outras ações, na propaganda higiênica, na criação de maternidades, jardins da infância e institutos para “anormais”.
- ✓ Nas escolas maternas, a educação era dada ao ar livre e não se seguia à risca, nem Fröebel, nem Montessori, mas um sistema russo que aproveitava vários processos desses e de outros pedagogos.
- ✓ Os assim denominados “anormais” eram educados em instituições apropriadas. Os meramente “atrasados” tinham classes especiais em diferentes escolas ordinárias.
- ✓ Abolição dos castigos físicos.
- ✓ O latim era estudado apenas em alguns cursos.
- ✓ O alemão era ensinado em diversos institutos primários para crianças de língua russa.
- ✓ Não havia exames de passagens.

-
- ✓ Alunos sem preparação eram recebidos provisoriamente nas chamadas “escolas de fábrica”.
 - ✓ Não havia ensino religioso.
 - ✓ Não se ensinava história política, mas social e esta mesma só ligada a críticas materiais, sobretudo à cultura cívica, à educação socialista. Nesse estudo, partia-se do presente para o passado e ensinavam-se noções que preparassem o futuro coletivo.
 - ✓ Espetáculos teatrais eram utilizados na escola como processo educativo. O desenho, a modelação e outros exercícios manuais eram igualmente utilizados.
 - ✓ Davam-se noções de física prática, fazia-se química experimental.
 - ✓ O método (puro) de Dalton era somente aplicado em pequeno número de escolas, o que se explica, na opinião de alguns pedagogos russos – dentre eles, Pistrak⁵ –, por seu excessivo individualismo, antagônico ao coletivismo russo, e por ter como base de interesse o livro e não o trabalho.
 - ✓ O método dos “centros de interesse” era, indiscutivelmente, outra evidência da excelência da pedagogia soviética e articulava-se, logicamente, às demais características dessa pedagogia. A aplicação desse método – que na Rússia era designado por “sistema dos complexos⁶” – era obrigatória nas primeiras classes. Nas classes mais adiantadas, a aplicação desse método deveria ser introduzida aos poucos.
 - ✓ A autonomia dos alunos era outra marca da pedagogia soviética. Entretanto, César Porto considerava essa prática discutível. Não de todo, segundo ele, mas como era praticada em algumas das instituições experimentais que visitou. Para ele, caberia ao professor – e não ao aluno – ministrar a educação escolar, sobretudo em sala de aula, pois só ele saberia (ou deveria saber) o que conviria ao aproveitamento do ensino. Além disso, autonomia não poderia ser tomada, necessariamente, como sinônimo de liberdade. As crianças, segundo ele, eram suscetíveis de se tiranizarem, ao passo que o professor habilitado saberia dar-lhes liberdade compatível com a sua idade e que fosse vantajosa para a sua expansão.
 - ✓ A escola ativa, com museus, laboratórios e aparelhos, era o ideal soviético. Para tanto, cursos e círculos de readaptação (nas cidades) e conferências (nos campos) eram oferecidos aos professores, tendo em vista a nova realidade à qual teriam de se adaptar.
 - ✓ Mas o preparo do professor era ainda bastante incompleto em vários lugares da Rússia soviética. Na avaliação de César Porto, parecia predominar, entre os professores russos daqueles anos iniciais da revolução bolchevista, não a ideia de ganho, mas o sentimento do interesse coletivo. Tornados conscientes da sua relevante missão (revolucionária), os professores não se davam conta, segundo César Porto, de que os seus vencimentos eram

⁵ “Pistrak situa-se na linha dos grandes educadores como Pavel Blonsky, Nadéjda Krupskaja e Vassili Lunatcharsky. Apesar disso, durante o stalinismo, a sua importância foi ofuscada pela emergência de Makarenko como o grande educador soviético. [...] Pistrak soube como ultrapassar o questionamento dos métodos para enfrentar os problemas da finalidade do ensino, extraindo daí toda as consequências. Percebia com toda clareza que uma pedagogia concebida para formar vassallos era inadequada para formar cidadãos ativos e participantes da vida social” (TRAGTENBERG, 1981, p. 7-8).

⁶ Para Pistrak (1981, p. 118-119), o método ou sistema dos complexos não era apenas uma técnica pedagógica, mas um método fundamental para analisar a realidade, do ponto de vista marxista. Seu objetivo era treinar a criança na análise da realidade através do método dialético. Esse objetivo só seria alcançado se a criança assimilasse o método na prática, compreendendo o sentido do seu trabalho.

inferiores aos dos professores de vários países do Ocidente e, além disso, estavam abaixo dos vencimentos de inúmeros operários soviéticos.

- ✓ Os horários do professor abrangiam seis dias na semana.
- ✓ A escola russa de primeiro grau é representada como a concretização de uma verdadeira escola única, geral, sem especialização. Seu objetivo era “ministrar ao aluno uma tal educação das faculdades, bem como uma instrução com fins práticos – pelo método dos complexos e por processos solicitando as atividades adolescentes” (PORTO, 1927d, p. 137).
- ✓ À escola de primeiro grau (única) seguiam-se as de segundo grau, da juventude rural, de aprendizes de fábrica e as profissionais. O egresso da escola de primeiro grau poderia dar sequência a seus estudos ingressando em qualquer uma dessas escolas, a depender da oferta de vagas. Apenas o ensino de primeiro grau era obrigatório. Os que almejavam alcançar o ensino superior teriam de passar, ainda, pelos institutos técnicos, uma vez concluídos os estudos secundários, com exceção dos egressos das faculdades operárias. De acordo com as informações fornecidas por César Porto (1927d, p. 138),

Qualquer curso de segundo grau mantém uma feição genérica a respeito da instrução, embora a leve cada vez mais longe, precisando, sistematizando, e posto a largue em determinados pontos; continua, de outra parte, a fórmula do primeiro grau, quanto ao cultivo integral das faculdades, com talvez predomínio gradual do ensino sobre a educação.

- ✓ As escolas de segundo grau não eram em nada semelhantes aos literários liceus portugueses, “às livrescas aulas secundárias [...], às [...] fábricas superiores de diplomados, ou a outros laboratórios de patentes oficialmente científicas, só válidas como doce privilégio” (PORTO, 1927d, p. 138)⁷.
- ✓ A escola soviética, além de ativa, era a escola do trabalho.
- ✓ A pedagogia soviética voltava-se para o cultivo das várias faculdades do ser social e o fazia por intermédio de programas de ensino que enfatizavam a importância da ação e do trabalho do aluno. Seu objetivo era formar o cidadão soviético.
- ✓ À escola russa cabia a designação de escola ativa, não apenas pela participação ativa do aluno na escola, realizando trabalhos manuais. A experimentação (química e física), as excursões pelo campo (voltadas para a história natural) ou na cidade (voltada para as ciências sociais), as representações teatrais e o acesso dos alunos às bibliotecas solicitavam igualmente a atividade do aluno.

Na avaliação de César Porto, não só em teoria, mas também na prática, as instituições educativas da república dos soviets, sobretudo as primárias e as secundárias, mostravam-se “na boa via” (PORTO, 1927c, p. 107). Ao afirmar que essas instituições estavam “na boa via”, adverte que não quer com isso dizer que elas eram impecáveis, que no mundo não havia instituições

⁷ César Porto faz, aqui, uma severa crítica ao sistema dual de ensino em Portugal, responsável, segundo ele, pela radical separação entre trabalho intelectual (destinado às elites condutoras do desenvolvimento da nação) e trabalho manual ou braçal (destinado à grande massa conduzida da nação). É interessante observar que, alguns anos mais tarde, Anísio Teixeira chegaria a essas mesmas conclusões sobre os sistemas de ensino no Brasil.

semelhantes, que a pedagogia soviética era única e inteiramente original. Então, qual o sentido que César Porto atribui à pedagogia soviética? Para ele, “os russos [...] deram amplitude a sistemas conhecidos noutros países” (PORTO, 1927c, p. 107). Não se limitaram a ter apenas algumas escolas-modelo, como alguns países europeus o fizeram, dentre eles Portugal com a sua Escola Oficina n. 1 de Lisboa, “onde tudo se faz um tanto à russa, e mesmo se fazia melhor na época, já bem afastada, em que a propaganda pela república lhe não negava recursos” (PORTO, 1927c, p. 107).

Os russos primaram por universalizar um sistema de ensino, cujo centro nervoso era a escola ativa, ou a escola do trabalho, como preconizavam as modernas pedagogias de então. Essa teria sido, segundo César Porto, uma das principais marcas – senão a principal – dos feitos soviéticos no campo da educação escolar.

Por terem priorizado a universalização de um modelo sociopedagógico (a escola do trabalho, ou a escola ativa), os soviéticos não criaram (ou não puderam criar) escolas ricas, luxuosas. A escola soviética “Não tem mesmo os modestos pormenores de uma arte pouco dispendiosa: alguns quadritos, uns gessos, umas flores. O mobiliário é por vezes discutível, no sentido pedagógico; os edifícios não foram construídos para o fim a que hoje os aplicam” (PORTO, 1927c, p. 107).

Para César Porto, o mais surpreendente em toda aquela história recente da Rússia teria sido a criação de um sistema de ensino em um lapso de tempo incrivelmente reduzido, pois a escola do trabalho (a escola ativa) que os russos soviéticos criaram não fora uma invenção do antigo regime, do czarismo. “[...] na Rússia do antigo regime era bastante mais cuidada a instrução superior do que o ensino necessário ao grande número, acessível a capacidades médias, e de bem maior importância” (PORTO, 1927c, p. 109).

Os dados apresentados por César Porto em seu balanço crítico sobre o sistema de ensino soviético, que atualizam as informações que ele próprio colheu quando de sua visita à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1919, confirmam as primeiras impressões do ilustre educador português sobre a pedagogia soviética. Segundo ele, havia na URSS, em 1924, três vezes mais instituições escolares e educacionais do que houvera na Rússia no tempo do Império: 1.200 jardins da infância; 71.245 escolas ministrando o 1º grau do ensino; 16.935 escolas denominadas de “sete anos” (porque esse era o tempo de duração do curso); 1.466 escolas ministrando apenas o 2º grau do ensino; 877 escolas denominadas de “nove anos” (porque esse era o tempo de duração do curso); 348 comunas escolares; 4.993 casas infantis ou colônias destinadas a normais; 260 casas infantis ou colônias destinadas a atrasados; 200 escolas para esses mesmos atrasados; 357 instituições preventivas; 3.186 escolas profissionais; 855 institutos técnicos; 136 faculdades

operárias; 183 universidades e academias superiores; 750 universidades e academias de política soviética; 12 universidades comunistas; 17.236 pontos para a extinção do analfabetismo; 523 cursos para adultos; 200 escolas de arte; bibliotecas, salas de leitura, museus, clubes e instituições similares onde se promovia a instrução. O número total de alunos era de 9.665.458 e, destes, 8.317.606 recebiam apenas instrução e educação gerais (PORTO, 1927a, p. 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas escolas que visitou a convite das autoridades soviéticas e nas que viu por casualidade, César Porto constatou a presença marcante do culto aos trabalhos manuais, que, segundo ele, apuram os sentidos, assim como a vontade, a iniciativa, o senso prático e a inteligência concreta. Constatou que as noções, inclusive as mais abstratas, eram conquistadas pela atividade e pela prática. A escola da Rússia era, em síntese, uma escola ativa, uma escola do trabalho. Tal constatação parece ter agradado a César Porto, posto ser ele radicalmente contrário às práticas escolares tradicionais, cultivadoras apenas do intelecto e, de certa forma, responsáveis pela manutenção da divisão social do trabalho. Segundo ele, “Separar as camadas sociais em teóricas e práticas, em abstratas e concretas, é realmente dividi-las em palradores e gente útil. Ora, cumpre que sejamos todos úteis; palradores sem consistência são daninhos à sociedade e têm de parasitar forçosamente” (PORTO, 1927c, p. 105). Da mesma forma que “o homem manual, o indivíduo adstrito às profissões mais brutalmente musculares, mais exclusivamente braçais, tem hoje de ser sabedor, deve conhecer várias regras, mesmo entender altos preceitos conquanto não os saiba enunciar” (PORTO, 1927c, p. 105).

Mas os russos praticavam a educação de classe. Na avaliação de César Porto, todas as sociedades assim procediam. Portanto, essa não seria uma particularidade da pedagogia soviética. O mérito dos soviéticos estaria, segundo ele, na admissão, sem tergiversações, dessa prática política. A gente russa educava segundo os seus ideais de sociedade. Advogava a indiferença religiosa, mas não admitia neutralidade política. As concepções marxistas não deveriam ser discutidas, mas plenamente aceitas.

A preparação do operariado era, indiscutivelmente, uma das feições distintivas do trabalho cultural russo. O desenvolvimento industrial era, para os russos soviéticos de então, condição *sine qua non* para a organização comunista da sociedade. Foi assim que as lideranças soviéticas daquele momento histórico interpretaram os escritos de Marx. Essa interpretação fez com que o operariado (consciente e ilustrado) fosse considerado “o melhor sustentáculo do moderno regime da Rússia” (PORTO, 1927e, p. 174), o regime soviético. Essa lógica teria orientado as práticas sociais dos

soviéticos no campo da educação escolar, e feito do operariado russo a principal personagem do desenho do sistema de ensino soviético. Uma indústria robusta demandava profissionais competentes (instruídos e adestrados), do mais simples trabalhador manual (braçal) ao engenheiro e diretor, passando pelos contramestres. Esse era o entendimento das lideranças soviéticas daqueles momentos iniciais da Revolução de Outubro de 1917. As faculdades operárias são o melhor exemplo da política educacional soviética desse período. Na avaliação de César Porto, os soviéticos da Revolução de Outubro e os que lhes seguiram teriam encurralado as formulações teóricas de Marx em um dogma, ao interpretarem-na como tal.

Em síntese, pode-se afirmar que César Porto extrai da experiência soviética, no campo da educação escolar, consequências por ele consideradas de fundamental importância para a sociedade portuguesa de então. Portugal, naquele momento, construía uma nova sociedade a partir de estruturas sedimentadas ao longo de séculos e adequadas a regimes monárquicos (absolutista e, depois, constitucionalista). Mas as forças políticas responsáveis por aquelas mudanças eram bastante heterogêneas, reunindo grupos ideológicos bastante distintos: liberais republicanos, maçons, anarco-sindicalistas, anarco-comunistas, socialistas, entre outros. Forças políticas que disputavam o controle (ideológico) de uma imensa massa analfabeta de camponeses (que constituía a esmagadora maioria da população portuguesa) e trabalhadores urbanos. Anarquistas, momentaneamente aliados a maçons e liberais republicanos, criaram e mantiveram instituições que objetivavam formar um novo homem para a sociedade que começava a dar os seus primeiros passos em Portugal. É nesse contexto de transformações e mudanças que podemos buscar os sentidos das práticas sociais dos libertários portugueses que estavam à frente de projetos editoriais como o da revista *Educação Social*.

Com base no que foi acima exposto, pode-se afirmar que os libertários portugueses que integravam a rede de relações responsável, dentre outras iniciativas, pela editoria da revista *Educação Social*, estavam sintonizados com as modernas pedagogias que circulavam pela Europa e América do Norte no início do século XX, bem como inteirados com a recente experiência pedagógica da Rússia soviética. O que extraíram dessas pedagogias permite-nos aferir os sentidos (possibilidades e limites) que atribuíam à educação escolar.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Filomena. [Verbete] Emílio Costa [referência 255]. In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena. (Coord. geral). In: *A Educação Portuguesa: Corpus documental (séc. XIX-XX)*: Dicionário de Educadores Portugueses. Lisboa: Edições Asa (versão digital), 2003.
- BARREIRA, Luiz Carlos. *Imprensa Periódica e Circulação de Modelos Sociopedagógicos: Experiências de Educação Libertária em Portugal no Limiar do Regime Republicano (1911-1919)*. Sorocaba, SP: Universidade de Sorocaba [projeto de pesquisa que contou com apoio financeiro da Fapesp], 2008.
- CANDEIAS, António. [Verbete] Adolfo Lima [referência 453]. In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena. (Coord. geral). In: *A Educação Portuguesa: Corpus Documental (séc. XIX-XX)*: Dicionário de Educadores Portugueses. Lisboa: Edições Asa (versão digital), 2003.
- CASTELO, Claudia. [Verbete] César Porto [referência 686]. In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena. (Coord. geral). In: *A Educação Portuguesa: Corpus Documental (séc. XIX-XX)*: Dicionário de Educadores Portugueses. Lisboa: Edições Asa (versão digital), 2003.
- PISTRAK. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: Narração, Interpretação e Significado nas Memórias e nas Fontes Orais*. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/29613_3613.PDF>. Acesso em: 09 jun. 2012.
- PORTO, César. A Pedagogia Soviética – I. *Educação Social*. Lisboa, n. 1(73-74), p. 10-17, 15 jan. 1927a.
- _____. A Pedagogia Soviética – II. *Educação Social*. Lisboa, n. 3(77-78), p. 68-75, 15 mar. 1927b.
- _____. A Pedagogia Soviética – III. *Educação Social*. Lisboa, n. 4(73-74), p. 103-110, 15 abr. 1927c.
- _____. A Pedagogia Soviética – IV. *Educação Social*. Lisboa, n. 5(81-82), p. 137-144, 15 maio 1927d.
- _____. A Pedagogia Soviética – V e VI. *Educação Social*. Lisboa, n. 6(83-84), p. 165-181, 15 jun. 1927e.
- TRAGTENBERG, Maurício. Introdução. Pistrak: Uma Pedagogia Socialista. In: PISTRAK. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 7-23.

RESUMO

Este trabalho focaliza a visita que o educador português César Porto fez à União Soviética, em 1919, a convite da Federação Pan-Russa dos Trabalhadores de Ensino, para conhecer, juntamente com outros professores estrangeiros, as recentes experiências daquele país no campo da educação escolar. Quase dez anos depois, esse mesmo educador fez publicar um balanço crítico da referida visita na revista *Educação Social*. Nesse balanço, expôs o que considerou ser as principais características da pedagogia soviética. A análise desse balanço possibilitou a identificação de alguns modelos sociopedagógicos postos em circulação pela revista *Educação Social*. A circulação de tais modelos é o objeto da investigação histórica que o autor deste trabalho vem desenvolvendo nos últimos anos.

Palavras-chave: Circulação de Modelos Sociopedagógicos. Pedagogia Soviética. *Educação Social* – Revista de Pedagogia e Sociologia (Lisboa, 1924-1927).

ABSTRACT

This paper focuses on the visit that the Portuguese educator César Porto has done the Soviet Union, in 1919, together with others foreign teachers, at the invitation of the Pan-Russian Federation of Teaching Workers, to know the recent experiences of that country in the school education area. Nearly ten years later, Porto published a critical summary of this visit in the journal *Educação Social*. In that summary, he expounded what he considered to be the main features of Soviet pedagogy. The analysis of that critical summary allowed the identification of some social and pedagogical models put into circulation by the journal *Educação Social*. The circulation of such models is the central subject of historical research that the author of this paper has been carrying out in recent years.

Key Words: Circulation of Social and Pedagogical Models. Soviet Pedagogy. *Educação Social* – Journal of Pedagogy and Sociology (Lisbon, 1924-1927).

Recebido em junho de 2013
Aprovado em julho de 2013